



SENSIBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS POR MEIO DA APRECIÇÃO IMAGÉTICA

Sandra Regina Franchi Rubim – UEM

Resumo: Esta pesquisa apresenta considerações sobre a relação da Arte com a Educação de Jovens e Adultos na formação das identidades desses sujeitos. Percebemos que as apreciações de imagens oportunizam a educação e humanização do homem na sua totalidade: o sensível, o ético e o cognitivo. Pretendemos, assim, verificar a influência da leitura de imagens na formação de ideias, valores e condutas, bem como, de que modo elas promovem o desenvolvimento da sensibilidade na pessoa/sujeito. O conhecimento e a sensibilização permitem que o indivíduo tome consciência do seu papel de sujeito atuante na sociedade. Por conseguinte, consideramos a possibilidade desta sensibilização do indivíduo interferir na preservação ou transformação do lócus no qual ele está inserido. Nesse sentido, verificamos probabilidade do diálogo entre a Educação, a Arte e a Educação de Jovens e Adultos, por meio de debates que perpassam e vinculam esses campos do conhecimento tornando, assim, possível, uma aproximação entre pesquisa na Pós-Graduação e a Educação Básica.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Imagem. Formação. Sensibilidade.

Introdução

Vivemos em um mundo repleto de outdoors, de placas luminosas, de sons e imagens diversas. Nesse cenário, as imagens encantam-nos, seduzem ou passam despercebidas. A imagem, como uma linguagem visual universal, constitui-se em uma forma de entendimento afetivo do mundo.

Nesse contexto, percebemos a circulação de pessoas, produtos e, principalmente, imagens, as quais nos transmitem, de forma explícita ou implícita, diversas informações e mensagens. Como temos que conviver, diariamente, com essa produção infinita, necessitamos aprender a avaliar essa cultura visual, sua função, sua forma e seu conteúdo, pois a criação e a apreciação da arte possibilitam e privilegiam o aperfeiçoamento da sensibilidade do homem, contribuindo, por sua vez, para a sua civilidade. Com base no pensamento de Francastel (1993) destacamos que a arte pode ser entendida como uma produção humana que implica uma apreciação estética. As criações artísticas precisam ser fruídas, despertando os sentidos da sutileza, da sensibilidade estética, do belo, do conhecimento e da visão crítica de mundo. Nesse sentido, confirma Francastel (1993, p. 48): “Apreciaremos melhor a arte do passado e a

do presente se lhe conhecermos melhor a significação humana [...] nossa sensibilidade estética só pode se refinar pelo estudo”. A apreciação e a análise de imagens, por meio do conhecimento e da sensibilidade, tornam possível identificar as posições éticas, estéticas e políticas que o indivíduo, como autor da obra, assume diante das lutas históricas do presente em que vive como aprovação ou negação, que são as formas de se relacionar com o mundo. Com efeito, entendemos que a capacidade intelectual do homem nos dá a probabilidade, como potência de ação, de deixarmos a posição de observadores passivos para ocupar a de expectadores partícipes e críticos diante da leitura de textos, imagens, cidades, rostos, gestos, cenas, pintura, dentre outros.

Para alcançar esse objetivo, entretanto, é fundamental que o homem, enquanto sujeito de conhecimento histórico, estabeleça contato com diferentes produções de épocas passadas e atuais, observando e identificando informações nas mais diversas formas de linguagem (oral, escrita, iconográfica). Esses procedimentos oferecem ao homem a possibilidade de ampliar o seu olhar, questionar as fronteiras disciplinares e articular os saberes (FONSECA, 2006). Entre essas linguagens destacamos a relevância da apreciação das figuras imagéticas, por meio da sensibilidade, no processo de humanização de jovens e adultos. A arte, como uma questão própria da filosofia, contribui para o processo de reflexão a respeito do homem e de sua participação na totalidade, no universo.

Nesses termos, entendemos que a imagem constitui-se como documento histórico produzido pela sociedade, assim, ressaltamos sua importância para o ensino e a pesquisa já que ela possui um duplo caráter: o informativo e o formativo. Enfatizamos, dessa forma, o valor da leitura da imagem enquanto possibilidade de despertar a sensibilidade humana.

Percebe-se que a complexidade do mundo contemporâneo exige dos homens sentimentos, conhecimentos e sensibilidade para pensarem e agirem diante de situações novas. Sob este aspecto, o princípio norteador de qualquer trabalho artístico seria a possibilidade de todas as artes contribuírem para a arte de viver. É nessa perspectiva que desenvolvemos nosso trabalho. Entendemos que a arte, como linguagem humana, acompanha as mudanças históricas e conseqüentemente a forma de viver em sociedade.

Temos, assim, como finalidade geral, neste artigo, abalizar a necessidade de a Educação adentrar no campo das imagens. A maneira pela qual a arte se direciona para a sensibilidade oportuniza a materialização das experiências reais, permitindo, então, a abertura da sensibilidade para os fatos exteriores ao indivíduo, jovem e adulto. Nessas condições, acreditamos que ler imagens possibilita o desenvolvimento do indivíduo como pessoa sensível.

Postulamos, enfim, que a contribuição das humanidades, não somente a da Educação ou da História, mas também a da literatura, da poesia, das artes, é indispensável para o processo de educação e humanização do homem.

A Relação da Arte com a Educação de Jovens e Adultos

Sabe-se que as Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação de Jovens e Adultos (2004) propõem o compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura geral. Esse documento também privilegia o respeito à diversidade cultural, à inclusão e ao perfil do educando.

A concepção do ensino na Educação de Jovens e Adultos pressupõe ações pedagógicas pautadas na construção do conhecimento de forma crítica, reflexiva, engajada na realidade, de modo a privilegiar a relação teoria-prática, na busca da apreensão das diferentes formas de apresentação do saber. Nesse sentido, a organização do planejamento pedagógico implica a reflexão do conhecimento histórico, em diferentes temáticas que exploram os distintos gêneros discursivos, com o objetivo de analisar as diversas linguagens, seja na forma verbal ou não verbal: iconográfica (imagens, desenhos, filmes, charges, *outdoors*, entre outros), cinética (sonora, olfativa, tátil, visual e gustativa) e alfabética, nos diferentes níveis.

Mediante a proposição da arte como parte constitutiva do fazer do homem, na sua totalidade - o sensível, o ético e o cognitivo -, destacamos que o acesso à linguagem imagética deve ser viabilizado também para esta modalidade de ensino enquanto meio para sua humanização, bem como elo de condução para uma sociedade menos excludente.

Nestes termos, a instituição escolar configura-se como um dos exíguos espaços, a que estes jovens e adultos poderão ter contato com as diferentes linguagens, com saberes mais elaborados, essenciais à humanização do homem, como meio de se integrar e poder transformar a sua realidade.

O princípio norteador desta reflexão parte do entendimento de que o conceito de educação é o processo de humanização do homem. De acordo com o texto *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, Saviani (1980) afirma que a educação é elemento essencial no processo de humanização do homem, por meio da sua apropriação dos conhecimentos historicamente construídos, bem como sua ação, enquanto sujeito nessa mesma construção. A educação é a forma pela qual o homem assimila o mundo para se tornar humano. O homem aprende a ser homem o que implica o trabalho educativo. Esse processo de hominização vincula-se à organização social (todas as instâncias sociais educam). Já o processo de humanização vincula-se ao processo dialético entre o homem e a cultura.

Consideramos desse modo, que uma das razões da Educação é entender o processo educativo por meio das ações sociais. Por isso, salientamos que nossa abordagem da linguagem imagética situa-se nos campos da História Social e da Educação, os quais têm como uma de suas finalidades a compreensão das origens das instituições, dos conteúdos e dos pensamentos que permeiam a educação contemporânea. Com base em seus fundamentos, definimos nosso olhar para as imagens como possibilidade de nos aproximarmos da compreensão que os homens têm ou tinham do seu tempo e espaço e das relações sociais que caracterizam suas vidas. Acreditamos que cada momento histórico produz uma determinada forma de pensar, correlacionada à maneira como se constrói a existência do homem. Assim, o discurso imagético, tal como outras línguas humanas, escrita ou oral, é construído nas relações sociais. Desse modo, podemos afirmar que, por meio das imagens, constroem-se discursos, cujos sentidos se difundem com uma intenção formativa para uma construção social.

Observamos que a imagem tem em si a probabilidade de transmitir a construção de uma interpretação de certo acontecimento e, concomitantemente, a projeção de uma intencionalidade daquele que faz o discurso. Podemos indicar que, em toda linguagem, escrita, falada ou imagética, há uma intenção de ensinar ou de aprender.

Esse entendimento nos oferece a oportunidade de se compreender as produções humanas, em especial a arte e a educação, como resultantes das múltiplas vinculações articuladas pela dinâmica social e não da ação de indivíduos isolados, independentes do contexto que os cerca.

No mundo globalizado que caracteriza a atualidade, verifica-se, em linha ascendente, a perda da criticidade dos indivíduos em relação ao contexto social em que vivem, bem como em relação a referenciais éticos e morais. O resultado é um embrutecimento que distancia cada vez mais os homens uns dos outros. Nota-se a falta do engajamento das pessoas em causas que convergem para o bem viver coletivo, para dar novos sentidos à existência individual. Com base nessa reflexão entendemos que sensibilidade é condição de vida.

Nesse processo, percebemos que a leitura de imagens permite gerar uma nova sensibilidade, disseminar novos valores, ideias e comportamentos indispensáveis para o desenvolvimento e a conservação da sociedade, tornando-se um instrumento de educação dos homens. Dessa forma, atribuímos à sensibilidade um papel de destaque ao processo de formação humana.

A apreciação imagética como possibilidade de sensibilização e educação de pessoas jovens e adultas

Para refletir como a arte pode educar e atuar na sensibilidade humana nos fundamentaremos em um de seus campos de estudo: a Estética da Arte, também conhecida como Filosofia da Arte.

Sabe-se que a imagem artística sempre existiu. Paralelamente a ela, produziu-se um discurso, uma preocupação sobre sua natureza, seus poderes, suas funções. Com o advento do Renascimento verificou-se uma reflexão filosófica em torno da arte, da qual tinha a apreciação da beleza como tema fundamental. Foi nesse período que ocorreu a união teórica do belo com a arte. Passou-se a valorizar, além do universo material, o sensível. Shaftesbury (1671-1713), pioneiro da estética, já falava que o belo revelava-se, além das impressões visuais e auditivas, por intermédio de uma visão interior. Para ele, a dimensão do belo estava aberta ao espírito por meio da sensibilidade. O belo captado por intermédio da visão e da audição era relacionado imediatamente com uma ordem de sentimentos, de emoções. Dessa tendência, surge no século XVIII uma nova disciplina filosófica, responsável pelo estudo do belo e suas manifestações na arte. Alexandre Gottlieb Baumgarten (1714-1762), fundador dessa teoria, denominou-a de *estética*, termo derivado do grego *aisthési*, o qual estava relacionado com o que é sensível (AUMONT, 1993).

Em relação ao conceito de *estética* Hegel (1996) afirma que estética é a filosofia, é a ciência do belo, do belo artístico, que exclui o belo natural. Para ele, o belo artístico é superior ao belo natural, pois o belo artístico é objeto do espírito (superior à natureza); tudo que passa pelo espírito é superior ao natural. Nesse sentido, o autor afirma que “[...] a arte foi para o homem instrumento de consciencialização das ideias e dos interesses mais nobres do espírito. Foi nas obras artísticas que os povos depuseram concepções mais altas [...]” (HEGEL, 1996, p. 5). De seu ponto de vista as representações (diferentes formas pelas quais a arte se efetiva: pintura, escultura, literatura, teatro e outros) só se concretizam quando se submetem ao espírito humano, o qual se constitui como o ápice da obra de arte. O espírito é o elemento que possibilita, dentro da filosofia da arte, as reflexões acerca do belo.

Assim, quando se fala de imagens, são infinitas as possibilidades de abordagem que se abrem ao pesquisador, que, por isso, considera a pertinência de buscar uma formação que lhe ofereça a capacidade de compreendê-las.

A obra de arte possui sentidos, ou seja, uma apreensão entre a intenção e o resultado, que, de imediato, mostram-se ininteligíveis, ocultos no seu interior. Entretanto, embora consideremos que o tempo, a história, o contexto sociopolítico e cultural estejam, por

questões históricas, distantes de nós, existe a possibilidade de se transpor esses obstáculos que perpassam acontecimentos tanto individuais quanto públicos. A arte concebida como modo de ação produtiva do homem constitui-se como um fenômeno social e parte da cultura. Ela está relacionada com a totalidade da existência humana, conectada com o processo histórico e possui a sua própria história, que correspondem estilos e formas definidas. Suscita questões de valor tanto na esfera coletiva quanto a existência individual, concernentes tanto ao artista que cria a obra de arte quanto ao contemplador que sente seus efeitos. Por fim, movidos pela preocupação de apreender, decifrar o sentido de uma obra, faz-se necessário buscar o entendimento do sentido das obras e do trabalho artístico, compreendidos enquanto significação e direção (CAUQUELIN, 2005).

Verificamos, assim, que, para analisá-las, é preciso conhecimento da especificidade dessa linguagem, de seus limites e probabilidades.

Nesses termos, mencionamos a contribuição de Francastel (1993), que acreditamos ser bastante significativa. O mundo visual, afirma o autor, não só possui sua lógica própria, como ainda funda um modelo particular de atividade produtiva, ou seja, um pensamento plástico ou figurativo. Dessa forma, existem valores e sentidos que somente as imagens possuem; elas transmitem informações para o intelecto com base em regras específicas, experiências, percepções e esquemas representativos do pensamento e, por isso, não são substituídos por outras formas de linguagens.

Percebemos que além da receptividade emotiva, exige-se do contemplador um desenvolvimento intelectual. Percebe-se a necessidade de se pautar em alguns elementos para, ao apreciar e analisar as imagens, identificar as posições éticas, estéticas e políticas que o indivíduo criador assume quando expressa os embates de seu tempo histórico.

Nessas condições, o conhecimento é indispensável para evitarmos interpretações singelas, daquilo que acreditamos compreender de uma obra, uma vez que ela faz parte de um legado comum, de um mesmo contexto cultural e de um mesmo momento histórico.

Torna-se crucial, desse modo, desenvolver a sensibilidade humana, ampliando, assim, a dimensão da reflexão. Acreditamos que esses requisitos podem ser desenvolvidos por meio da capacidade reflexiva dos homens e do conhecimento. Sublinhamos que o conhecimento é um elemento fundante da formação humana. Isto é um desafio histórico posto a cada dia para os debates que permeiam a Educação.

Percebemos, assim, a pertinência de considerar que, segundo Nunes (2000), a arte, como produto da práxis cotidiana, é uma forma de ação que traz em si a potencialidade de

influir nas atitudes humanas. Desvenda-nos o humano, propiciando a sua interiorização e assimilação à experiência, agindo, assim, sobre a nossa forma de agir e de pensar.

Consideremos suas palavras:

As grandes, autênticas e legítimas obras de arte possuem capacidade de atrair a consciência e de fazê-la aderir ao que instantaneamente revelam. [...] dilatando a consciência, tornando-a mais receptiva aos contrastes da vida, ela pode abrir possibilidades para a ação prática. Sem conduzir diretamente nem ao compromisso moral nem à atividade de caráter social ou político, é uma forma de apelo, de solicitação, capaz de despertar a consciência moral para a descoberta dos valores éticos, inclusive os sociais e políticos (NUNES, 2000, p. 88).

Para o autor, portanto, a arte não tem um fim moralizante determinado; muitas vezes, pode até se contrapor a padrões morais convencionados. Assim, embora não considere conveniente despojá-la de fins éticos e afastá-la da realidade, afirma que, por ser ampla, abarcando o mundo criado pelo artista, ela revela as potencialidades do ser humano, proporcionando-lhe uma visão mais clara e compreensiva do contexto histórico em que foi produzida. Dito de outra forma, nas palavras do autor supracitado “[...] é revelando as possibilidades da consciência moral e não adotando uma moral, que arte cumpre a sua finalidade ética” (NUNES, 2000, p. 89).

Cabe aqui analisar os apontamentos de Morin (2002) sobre a ética do gênero humano. Para ele a ética se fundamenta na consciência de que o ser humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie. Assim, para que o desenvolvimento humano ocorra, o homem deve, também, buscar a autonomia individual, as participações comunitárias e a consciência de pertencer à espécie humana. É preciso educar com base em valores éticos, estéticos e políticos, induzindo o indivíduo a construir sua identidade social e coletiva e contribuir para a construção de uma sociedade solidária que vise o bem comum.

Observamos que, na nossa sociedade, falar de fruição, de estético, de valores, tem sua relevância. Verifica-se, cada vez mais, a perda da consciência crítica a respeito do contexto em que vivemos, bem como de referenciais éticos e morais. Consideramos que o ser humano não é, por natureza, civilizado, mas possui uma potencialidade para alcançar esse nível. O processo de construção e desenvolvimento da sensibilidade humana, que abarca o processo

dialético da construção homem-mundo, não se dá na individualidade, pois a práxis humana é coletiva, é social, é histórica.

Enfatizamos, assim, com base nas análises feitas até aqui, que, na perspectiva da História e da Educação, a ética e a moral são condições indispensáveis para o desenvolvimento e a conservação da sociedade. Percebe-se uma intrínseca relação entre a arte e a educação. Por isso, é importante destacar o fato de que a arte pode despertar a sensibilidade humana, virtude que, a nosso ver, é imprescindível àqueles que contribuem para o processo de formação do ser humano.

Pensando na produção da subjetividade, argumentamos a importância da imagem como fonte de pesquisa, já que ela possui um duplo caráter: o informativo e o formativo. As imagens, como produto social e histórico, traduzem noções, crenças e valores, registram informações culturais e práticas de diferentes períodos. A obra de arte, portanto, expressa posições estéticas, éticas e políticas, individuais e sociais ao mesmo tempo. Sendo histórica e social, ela constitui um sistema de significações específicas que, expressando o homem em relação a si próprio, aos demais indivíduos e ao meio em que vive, favorece a reflexão e a ação. As imagens influenciam a formação do sujeito - identidade - articulando representações visuais derivadas de experiências pessoais e visões de mundo que estão presentes nos modelos sociais vigentes em uma determinada época ou cultura. Dessa forma, subjetividade e identidade caminham juntas e constituem a consciência de ser sujeito, em um processo dinâmico e múltiplo. As imagens são tratadas como espaço de interação de indivíduos, criando possibilidades de diálogo e interpretação.

Por considerar as artes como constitutivas do humano, acreditamos que a apreciação e a análise de imagens artísticas tornam o olhar dos homens mais atentos às representações e aos seus significados. Essa sensibilidade abre, então, ao homem uma possibilidade de compreensão de sua ambiência social, do drama de sua época.

Nesses termos, é indispensável que os indivíduos saibam que são parte e construtores da história. Quando eles apreendem o movimento real pela reflexão, podem se reconhecer como homens, enquanto parte de um mundo humanizado; adquirir a compreensão de si e, conseqüentemente, da realidade e, assim, transformá-la. Salientamos que a nossa época, ou outra qualquer, pode e deve ser modificada por meio de nossas ações. Acreditamos que a leitura de imagens, despertando seu senso estético, favorece o desenvolvimento do indivíduo como pessoa sensível, civilizada, culta, solidária, conhecedora, enfim, como cidadão. Por meio dessa reflexão, podemos verificar que a arte tem um papel fundante no processo de humanização.

Diante disso, quanto mais acesso ao mundo da cultura - arte, filosofia e ciência - o homem tiver, tanto mais humano ele se fará, mais terá condições de desenvolver e de aprimorar sua humanidade. Partimos da premissa de que a arte, assim como todos os demais produtos da criação humana, a exemplo dos costumes, das leis, convenções sociais, mitos, é eminentemente histórica e social, ou seja, nasce na e para a sociedade, sendo datada historicamente. Tanto no processo criativo quanto no ato de fruição, ela é uma fonte de humanização e educação do homem; por meio de seu universo simbólico, leva-o a formas diferenciadas de sentir, perceber e expressar sensivelmente o mundo e as dimensões humanas (PEIXOTO, 2001).

Como atividade do espírito e socialmente datadas, a arte, além de produzir os objetos artísticos, produz também o artista, um ser que sente, percebe, conhece, reflete e toma posição diante do mundo em que está inserido. Verifica-se que por meio dela ao mesmo tempo em que se aprende se educa, bem como se adquire a capacidade para intervir sobre o real; tanto o artista quanto o público fruidor têm possibilidade de se educar, ou seja, crescer e enriquecer como seres humanos.

Constatamos, pois, a relevância da formação humana para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Enfatizamos, pois, a relevância do indivíduo, jovem e adulto, desenvolver a capacidade de perceber, refletir, ponderar, sintetizar as informações ofertadas pelo mundo, bem como de elaborar novos conhecimentos sobre esse arcabouço. Dessa forma, abre-se a possibilidade de deslocar-se do senso comum para a consciência filosófica, utilizando tudo isso em sua prática social, transformando sua realidade. Para tanto, deve desenvolver sua sensibilidade (BARROCO, 2007).

Considerações Finais

Nas várias reflexões que caracterizam o fenômeno educativo na atualidade, em todas as áreas do saber, perpassa a ideia de que o mundo contemporâneo exige dos homens sentimentos, conhecimento e sensibilidade que o auxiliem a pensar e agir diante de situações novas. Nossas atitudes devem estar alicerçadas na ética, na moral e nas virtudes. Esses requisitos são desenvolvidos pela capacidade reflexiva dos homens, pelo conhecimento, ou seja, pela autonomia intelectual.

Elias (1995) sublinha que aprendemos melhor o contexto da nossa própria vida quando aprofundamos a vida de homens que pertenceram a outras sociedades. Os homens têm inteira liberdade de decidir que valores e juízos de valor querem seguir. Há, porém, uma forte

tendência para esquecer as limitações e as pressões a que nos sujeitamos pelo simples fato de aceitarmos como nossos os valores e os juízos de valor que preferimos.

Enfatizamos, pois, que a sociedade deve ser composta de indivíduos ligados por laços de responsabilidade, de comprometimento, seja em relação uns com os outros, seja em relação à realidade, cuja destruição leve à perda dos indivíduos. A audácia ou intrepidez é instintiva e impulsiva, mas a coragem se adquire por meio da educação e dos costumes, pela crença de que se está fazendo algo necessário para o bem comum. Consideramos, pois, que o conhecimento que os homens construíram é que tornou possível a convivência entre eles, ou seja, com base na educação, eles formaram a sociedade em que vivem: suas instituições, crenças, filosofia, arte e ciência.

Nesse sentido, a linguagem imagética, como construção de conhecimento, necessário a formação das identidades de jovens e adultos, necessita, para a inteligência de sua sistematização, que o sujeito desenvolva certas competências que o auxiliem a sentir e a significar a obra de arte. Acreditamos que o olhar e o gosto podem ser transformados pelo conhecimento. Quanto mais se conhece mais se aprecia. Essa sensibilidade pode resultar ao homem maior entendimento de sua realidade histórica e social, das inquietações e indagações de sua temporalidade. Entendemos que as artes refletem a realidade social e, concomitantemente, traz em si o potencial da superação dessa realidade. Aceitamos, portanto, a possibilidade concreta de revitalização da sensibilidade como meio de humanizar o ser humano, desenvolvendo nele, além da sensibilidade, a solidariedade, a satisfação em participar de projetos coletivos.

Assinalamos, enfim, a possibilidade de, por meio da imagem, desenvolver a sensibilidade humana, de educar e humanizar o homem na sua totalidade: o sensível, o ético e o cognitivo. Uma educação que se processa com esse objetivo terá condições de ser mais efetiva. Desse modo, a condição humana deve ser o objeto essencial de todo o ensino. Por meio do conhecimento, o homem toma consciência do papel que deve desempenhar na sociedade, contribuindo, por sua vez, seja para a transformação dessa sociedade seja para a sua preservação e desenvolvimento humano. Postulamos, nessas condições, que o entendimento do mundo pode dar-se pelo entendimento da arte. Para tanto, a sensibilização humana é imprescindível.

Referências

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

BARROCO, Sonia Mari Shima. *Psicologia educacional e arte: uma leitura histórico cultural da figura humana*. Maringá: Eduem, 2007.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Aesthetica*. Frankfurt/Oder: Kleyb, 1750-1758.

CAUQUELIN, Anne. *Teorias da arte*. São Paulo: Martins, 2005.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história*. Campinas: Papirus, 2006.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedric. *Curso de estética: o belo na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 2000.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Paraná* (versão preliminar), Curitiba, 2004.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. *Relações arte, artista e grande público: a prática estético-educativa numa obra aberta*, 2001. 259 f. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

SHAFTESBURY, Anthony Ashley Cooper. *Plasticks, or the original, power and progress of the designatory art*. Editado por W. Benda, W. Lottes, F. A. Uehlein e E. Wolff. Frommann-Holzboog, Stuttgart, 2001, Aesthetics, I, 5.